

Memórias do hip-hop em *streaming*: três dimensões da memória nas transmissões do Gringos Podcast¹

João Pedro Pacheco Van der Sand²

Flavi Ferreira Lisboa³

Camila Rodrigues Pereira⁴

Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS.

RESUMO

O artigo apresenta resultados parciais de uma pesquisa de doutorado em desenvolvimento sobre apropriações culturais e memórias no *Gringos Podcast*, um podcast de hip-hop transmitido pelo youtube e sediado fisicamente em uma tradicional loja de discos no centro de São Paulo. A partir da memória como categoria central, exploramos três subtópicos que apontam para questões e tensionamentos próprios da cultura hip-hop: histórias de vida; anedotas e improvisos; e tradição *versus* modernidade.

PALAVRAS-CHAVE

Podcast; Hip-hop; Memória; História de Vida; Streaming.

1. Introdução

Às cinco horas da tarde de cada segunda e sexta-feira uma loja de discos no centro de São Paulo começa a substituir CDs, livros e vinis de cima do balcão por microfones. Localizada no piso térreo do Centro Comercial Presidente — popularmente conhecido como “Galeria do Reggae” — a *Gringos Records* é um tradicional ponto de encontro de artistas e amantes do hip-hop e da black music. Pelas próximas três horas suas prateleiras recheadas de música analógica e digital servirão de cenário para conversas, discussões e lembranças em mais uma transmissão do *Gringos Podcast*⁵.

Este artigo apresenta resultados parciais da tese de doutorado (em desenvolvimento) intitulada *Hip-hop e podcasting: apropriações culturais e memória no Gringos Podcast*. Pesquisando a partir de um aporte teórico-metodológico etnográfico para objetos envolvendo a internet (HINE, 2015; PINK, et al. 2019; MILLER et al. 2019), e mais especificamente os podcasts (LÜNDSTROM e LÜNDSTROM, 2021) analisamos as práticas culturais e comunicacionais do *Gringos Podcast*. Os dados empíricos

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Tecnicidades e Culturas Urbanas, 24º Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutorando em Comunicação Midiática pela UFSM. email: jotape91@gmail.com

³ Doutor docente no Programa em Pós-Graduação em Comunicação Midiática da UFSM. email: flavi@ufsm.br

⁴ Doutora em Comunicação midiática pela UFSM. email: rpereiracamila@gmail.com

⁵ Acessível em: <https://www.youtube.com/@GringosPodcast>

presentes neste texto foram obtidos através de observação participante e entrevistas em profundidade realizadas com realizadores e ouvintes do podcast desde o novembro de 2021 até a data de realização.

Um dos principais resultados obtidos até o momento diz respeito à mobilização de memórias durante as transmissões do programa de entrevistas. São memórias do hip-hop contadas por seus adeptos que apontam para três diferentes sentidos: histórias de vida; anedotas e improvisos; e tradição *versus* modernidade. O primeiro segmento deste texto apresenta brevemente o *Gringos Podcast*, dando contexto ao leitor sobre as condições de produção e circulação do podcast. A seção seguinte dedica-se à noção de memória em nosso objeto de estudo, segmentada em três subseções que tensionam conceitos teóricos e dados obtidos em campo.

2. Um podcast de hip-hop no coração de São Paulo

O *Gringos Podcast* teve sua primeira transmissão realizada em 4 de fevereiro de 2021. Sua origem nos foi revelada por Harry Goes, idealizador e primeiro diretor do programa, em entrevista. Segundo ele, Ney, o dono da *Gringos Records*, vinha procurando formas de manter seu empreendimento ativo durante a pandemia de Covid-19 e começou a realizar *lives* no *Facebook* com apresentações de DJs dentro de sua loja. Inspirado pelo sucesso do *Flow Podcast*, Harry aconselhou Ney a replicar o formato de *videocast* (NASCIMENTO e OLIVEIRA, 2022), ao invés de continuar com as *lives* no *Facebook*, evitando problemas com direitos autorais e viabilizando, assim, a monetização de suas transmissões. Ney apostou na ideia e dividiu custos com Harry para a aquisição dos equipamentos de transmissão. Além disso, chamaram o DJ Erick Jay para compor a bancada de *hosts*⁶ ao lado de Ney.

A formatação do *Gringos* é inspirada no *Flow Podcast*, programa que atingiu grande popularidade após o ano de 2020, durante e após a pandemia de covid-19, e ditou uma tendência para diversos programas que surgiram após este período. O formato é marcado visualmente pelo encontro entre *hosts* e convidados frente a frente diante de uma mesa com microfones. Neste tipo de podcast o principal atrativo é um convidado ou convidada diferente a cada episódio que interage com os *hosts* durante um período prolongado. Os episódios costumam passar de duas horas de duração.

⁶ Termo anglófono para designar os apresentadores de um podcast. Em tradução mais aproximada *host* pode significar anfitrião. Em podcasts com mais de um apresentador é comum que se designe o principal como *host*, e os demais como *co-hosts*.

Além de ser proprietário da loja que abriga o *Gringos Podcast* e *host* do programa, Claudiney Leite também contribui com sua rede de contatos. Sua loja de discos é frequentada por pessoas vinculadas ao hip-hop há mais de 25 anos. A proposta do programa é transmitir conversas informais com pessoas ligadas à cena artística brasileira, com foco no hip-hop. Nos mais de 320 episódios transmitidos até a data de produção deste texto passaram pela bancada do *Gringos Podcast* DJs, MCs, Grafiteiros, B-boys, B-girls, produtores musicais, ativistas entre outras classificações atuantes junto ao cenário cultural do hip-hop.

3. Memórias de uma cultura se propagam por *streaming*

A cerca de 40 metros da entrada do Centro Comercial Presidente, na esquina da rua 24 de Maio com a Dom José de Barros há, no chão, uma placa que reconhece o Marco Zero do Hip-Hop Brasileiro. Embora já bastante apagada, a pedra de granito registra os nomes de alguns dos primeiros dançarinos de breaking do Brasil, no local que foi um de seus primeiros palcos. A apenas alguns passos de distância, essa e outras histórias da cultura hip-hop vêm sendo contadas, transmitidas e registradas semanalmente.

No tocante ao formato do programa observa-se a repetição de alguns padrões relativos à interação entre os *hosts* e convidados. A questão da memória ganhou relevância em nossa pesquisa diante de uma recorrência constatada em praticamente todos os episódios. A primeira pergunta realizada por Erick Jay ao convidado ou convidada é sempre: “como ocorreu seu primeiro contato com a música?”. Quando não se trata de uma pessoa ligada à música, a pergunta varia de acordo com ofício do convidado ou convidada.

A recorrência dessa pergunta nos episódios do *Gringos Podcast* resulta em frequente evocação de memórias por parte dos convidados, que sempre iniciam o bate-papo narrando suas lembranças. Uma vez que o ponto de partida é o passado, é comum que a transmissão seja longamente ocupada por relatos memorialísticos, podendo, a partir daí, tomar rumos que apontem para o presente ou futuro.

Os relatos partem quase sempre de uma perspectiva individual, mas pela natureza da pergunta realizada por Erick Jay é comum que façam contato com uma noção notoriamente coletiva, a de cultura ou movimento hip-hop. De acordo com Halbwachs (1990) a memória não é individual e está sempre apoiada nas memórias das pessoas com quem convivemos. Com este pressuposto o autor sustenta a teoria sobre uma memória coletiva, imprescindível para a formação da identidade e dos grupos sociais a partir do

que denomina como “comunidade afetiva”. Em sentido negativo, a coesão de um grupo se esvai no momento em que seus integrantes já não compartilham memórias sobre ele:

Um negócio liquidado, uma viagem acabada, não pensam mais naqueles que foram seus sócios ou seus companheiros. Logo são absorvidas por outros interesses, engajadas em outros grupos. Uma espécie de instinto vital lhes ordena desviar seu pensamento de tudo aquilo que poderia distraí-las do que as preocupa atualmente. (HALBWACHS, 1990, p.31)

Acreditamos que a evocação de memórias que entrelaçam hip-hop às vidas de seus adeptos sejam importantes elementos para sua coesão e preservação. Iniciativas como o citado Marco Zero do Hip-hop, o recentemente fundado Museu da Cultura Hip-hop de Porto Alegre, ou o Arquivo Brasileiro de Hip-hop da UNICAMP, são importantes neste sentido. O *Gringos Podcast* reúne em seu canal no YouTube mais de 320 registros contendo memórias de adeptos dessa cultura/movimento, e realiza, à sua maneira, um trabalho de mobilização, comunicação e registro da memória coletiva do hip-hop.

Além da pergunta sobre os primeiros contatos com a música, existem outros momentos recorrentes no *Gringos* que convidam os participantes do programa à rememoração. Na parte final do bate-papo, Erick Jay pergunta quais foram os principais “arames⁷” da carreira do convidado, as principais “carteiradas⁸”, além de shows inesquecíveis assistidos ou realizados. Esta pluralidade de perguntas que apontam para o passado faz com que a memória seja mobilizada de diferentes maneiras em cada episódio. Nas próximas subseções apresentaremos três categorias que, com frequência, emergem nos episódios do programa.

3.1 Histórias de vida: reconstruindo trajetórias com o hip-hop

Os convidados e convidadas do *Gringos Podcast* são, em sua maioria, pessoas que desenvolvem ou desenvolveram atividades artísticas a partir de algum entre os quatro elementos da cultura hip-hop: MC, DJ, Breaking e Grafite⁹. No início de cada entrevista, cada participante do programa narra seus primeiros contatos com a música, o que naturalmente desemboca em um relato sobre sua inserção no mundo do hip-hop. São

⁷ A expressão arame é utilizada para designar momentos difíceis, contemplando situações tanto pitorescas quanto dramáticas. Faz referência a “arame farpado”.

⁸ Expressão que designa momentos de glória ou encontros com personalidades muito famosas.

⁹ O hip-hop se fundamenta enquanto cultura a partir destes quatro elementos. O DJ utiliza toca-discos de forma criativa, reinventando batidas e dando a pulsação de um evento de hip-hop. O MC é quem entoia o canto rimado que é característico do rap, estilo musical que representa o movimento. O breaking é uma modalidade de dança que pode conter elementos acrobáticos. Já o grafite é a representação visual do hip-hop, normalmente praticada em muros e painéis do cenário urbano. Para mais detalhes sobre o assunto ver Teperman (2015) e Rose (2021)

histórias de vida, geralmente entoadas por pessoas periféricas que se dizem “salvas” por essa cultura pela qual nutrem profunda identificação. Um episódio que ilustra essa percepção é o de número 130¹⁰, com a cantora Lauren Priscila, que participou de alguns dos álbuns mais clássicos do rap nacional. Outros relatos confundem histórias de vida com a própria origem da cultura hip-hop no Brasil, como é o caso do episódio 140¹¹, com o DJ Osvaldo Pereira, considerado o primeiro DJ do Brasil.

Estes, e outros tantos relatos que se encontram entre o acervo de transmissões do *Gringos Podcast* servem como registro, tanto da vida de pessoas ligadas ao hip-hop, quanto da própria cultura, já que mencionam lugares, acontecimentos e pessoas que foram chave para seu desenvolvimento no país. De outra maneira, acreditamos que sirvam, também, como forma de ressignificar o passado repensando os rumos do movimento. Segundo Eclea Bosi (1987, p.55), "narrar a vida é dela se re-apropriar, refazendo os caminhos percorridos, o que é mais do que “revivê-los”.

3.2 Anedotas: improvisos entre arames e carteiradas

Uma pergunta sempre repetida no programa ao ponto considerarmos um “quadro fixo” questiona os convidados sobre os maiores “arames” pelos quais eles já passaram em suas trajetórias. Por arame, entende-se dificuldades, ou “perrengues”. As respostas costumam apontar para duas direções. Uma dramática, que retorna à categoria de histórias de vida, e outra anedótica. Nestes momentos, ouvimos histórias sobre apresentações em locais mal estruturados e pitorescos, encenadas enfrentadas em lugares tomados pela criminalidade e os improvisos e gambiarras realizados para a superação destes momentos.

Esta categoria aponta para uma importante característica do hip-hop, a inovação diante da falta. Segundo Rose (2021, p.39), o hip-hop situa-se “na encruzilhada entre a falta e o desejo”, é histórica e essencialmente ligado a populações periféricas e, segundo a mesma autora, baseia-se em uma mistura de tradições ancestrais africanas e tecnologias contemporâneas. Embora seus adeptos contem com equipamentos da mais moderna tecnologia, frequentemente precisam improvisar para superar as dificuldades inerentes às suas condições de vida. Nos relatos sobre estes improvisos, se percebe a forma astuta (CERTEAU, 2014) como seus adeptos dão origem a inovações estéticas.

¹⁰ Acessível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vIq4Zbu8qQE>.

¹¹ Acessível em: <https://www.youtube.com/watch?v=noTy4hHgo8Q>.

3.3 Tradição *versus* modernidade: Nostalgia ou saudosismo?

A terceira categoria observada em nosso campo de pesquisa é de memórias que, através de sentimentos de nostalgia — memória afetiva — ou saudosismo — aquela que valoriza o passado em oposição ao presente — mobilizam uma tensão notória entre os adeptos de hip-hop da atualidade: tradição *versus* modernidade.

A dicotomia é adotada fazendo referência ao que também é mencionado como “velha escola” e “nova escola” do hip-hop. Estes termos, que são abordados por Teperman (2015), fazem referência diferenças geracionais entre os pioneiros que difundiram o hip-hop no Brasil na década de 1980, e artistas que foram se incorporando ao longo dos anos. Observamos, neste sentido, relatos que comparam o passado ao presente, com frequentes análises e julgamentos de valor sobre os rumos que a cultura vem tomando, suas estéticas, temáticas, discursos e relações com o mercado e a mídia.

Considerações parciais

Neste resumo procuramos apresentar alguns resultados parciais de uma tese de doutorado (em desenvolvimento) cujo objeto de pesquisa envolve podcasts, hip-hop e as apropriações culturais realizadas no *Gringos Podcast* a partir da evocação de memórias. A categoria memória foi separada em três subtópicos que apontam para tensões características da cultura hip-hop: histórias de vida; anedotas e improvisos; e tradição *versus* modernidade.

A memória “não é feita para ser arquivada ou guardada numa gaveta como coisa, mas existe para transformar a cidade onde ela floresceu” (BOSI, 2003, p. 69). Com Bosi, acreditamos que os relatos presentes no podcast estudado sejam relevantes para além do registro e preservação de uma cultura, mas também para sua reinvenção e evolução.

No artigo completo, ilustraremos estes subtópicos com exemplos encontrados na pesquisa de campo, e aprofundaremos a reflexão sobre memória e cultura a partir de autores como Michael Pollak, Vincent de Gaulejac, Michel De Certeau, Eclea Bosi e Maria Luísa Magalhães Nogueira.

REFERÊNCIAS

- BOSI, E. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos**. São Paulo: Edusp. 1987.
BOSI, E. **O tempo vivo da memória**. São Paulo: Ateliê Editorial. 2003.
HINE, Christine. **Ethnography for the internet: embedded, embodied and everyday**. Londres: Bloomsbury, 2015.
LÜNDSTROM, M.; LÜNDSTROM, T. Podcast Ethnography. **International Journal of Social Research Methodology**. vol. 24 n. 3. 2021. p. 289-299.

MILLER, D et al. **Como o mundo mudou as mídias sociais**. Londres: UCL Press, 2019.

NASCIMENTO, Gessiela. OLIVEIRA, Otávio. A tematização da política em videocasts: as pautas abordadas no PodPah, Flow e Irmãos Dias Podcast. In: **Anais do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Universidade Federal da Paraíba. 5 a 9 de setembro de 2022.

PINK, S. et al. **Etnografia digital: princípios y práctica**. Madrid: Ediciones Morata, 2019.

ROSE, Tricia. **Barulho de preto: rap e cultura negra nos Estados Unidos contemporâneos**. 1ªed. São Paulo: Perspectiva, 2021.

TEPERMAN, Ricardo. **Se liga no som: as transformações do rap no Brasil**. 1ª ed. São Paulo: Claro Enigma, 2015.